

# O marxismo e o problema do negro (1933)\*

W. E. B. DU BOIS

Karl Marx foi um judeu nascido em Trier, Alemanha, em março de 1818. Ele nasceu em uma família bem-educada, estudou nas Universidades de Bonn e Berlim, planejando, de início, se tornar advogado e, depois, ensinar filosofia. Mas, suas ideias eram radicais demais para o governo. Voltou-se para o jornalismo e, por fim, dedicou sua vida à reforma econômica, morrendo em Londres em 1883, após ter vivido na Alemanha, Bélgica, França e, nos últimos 35 anos de sua vida, na Inglaterra. Em 1867, publicou o primeiro volume de sua obra monumental, *O capital*.

Existem certos livros no mundo que todo aquele que busca a verdade deve conhecer: a *Bíblia*, a *Crítica da razão pura*, *A origem das espécies* e *O capital* de Karl Marx.

No entanto, até a Revolução Russa, Karl Marx era pouco conhecido nos Estados Unidos. Ele foi tratado com condescendência nas universidades e considerado, até mesmo pelo público inteligente, um agitador radical cujas teorias curiosas e inconvenientes eram fáceis de refutar. Hoje, finalmente, sabemos mais e vemos em Karl Marx um gênio, que realizou um trabalho monumental, com doses de sacrifício, dono de uma mente de extraordinária perspicácia lógica e alcance. Podemos discordar de muitos dos grandes livros da verdade que mencionei, incluindo *O capital*, mas nunca ignorá-los.

---

\* "Marxism and the Negro Problem". *The Crisis: A Record of the Darker Races*, v.40, n.5, maio 1933. Tradução de João Gilberto W. Melato e Sávio Cavalcante.

Em um jantar recente oferecido a Einstein, outro grande judeu, contou-se a história de um professor que foi criticado por “não ter senso de humor”, porque tentou explicar a Teoria da Relatividade em algumas poucas palavras. O mesmo tipo de crítica será feito a qualquer um que, de forma semelhante, tente explicar a relação da filosofia marxista com o problema do negro americano. E, ainda assim, com toda a modéstia, estou esboçando essa tarefa, sabendo que ela será apenas provisória e sujeita a muitas críticas, tanto de minha parte quanto de outros estudiosos mais hábeis.

A tarefa que Karl Marx se propôs foi estudar e interpretar a organização da indústria no mundo moderno. Uma das primeiras obras de Marx, *O Manifesto Comunista*, publicada em 1848, às vésperas de uma série de revoluções democráticas na Europa, estabeleceu essa proposição fundamental:

Que, em cada época histórica, o prevalecente modo de produção e trocas econômicas, e a organização social que necessariamente decorre dele, constituem a base sobre a qual se constrói, e apenas da qual se pode explicar a história política e intelectual daquela época; que conseqüentemente [...] toda a história da humanidade tem sido a história da luta de classes, disputa entre explorados e exploradores, entre as classes governantes e oprimidas; que a história dessas lutas de classes constitui uma série de evolução nas quais, hoje, uma etapa foi alcançada, em que a classe oprimida e explorada – o proletariado – não pode mais alcançar sua emancipação da classe que explora e governa – a burguesia – sem que, ao mesmo tempo, e de uma vez por todas, emancipe toda a sociedade de toda exploração, opressão, distinção de classe e lutas de classe.<sup>1</sup>

Neste manifesto, todos irão notar frases que têm sido usadas com tanta frequência e de forma tão descuidada que quase perderam o seu significado. Mas, por detrás delas, ainda está uma verdade viva e insistente. A *luta de classes* entre explorador e explorado é uma realidade. O capitalista ainda hoje possui máquinas, materiais e salários com os quais compra trabalho. O trabalhador, mesmo nos Estados Unidos, possui pouco mais do que sua capacidade de trabalho. Um contrato de salário é realizado entre os dois e a mercadoria manufaturada ou o serviço resultantes são propriedade do capitalista.

Aqui Marx inicia sua análise científica, baseada num domínio de praticamente toda a teoria econômica de antes de seu tempo e num conhecimento pessoal extraordinário e exaustivo das condições industriais de toda a Europa e de muitas outras partes do mundo.

Suas conclusões finais nunca foram propriamente publicadas. Ele viveu apenas para terminar o primeiro volume de seu *Capital*, e os outros dois volumes foram

---

1 Prefácio à edição alemã de 1883 por Friedrich Engels, tradução da edição da editora Boitempo, 1998. (N. T.)

completados por seu amigo Engels a partir de seus cadernos e anotações. O resultado é uma obra inacabada, extraordinariamente difícil de ler e entender, e que o próprio mestre teria sido o primeiro a criticar por não representar adequadamente seu pensamento maduro e acabado.

No entanto, esse primeiro volume, juntamente com o significado bastante evidente dos outros, estabelece uma linha lógica de pensamento. A essência dessa filosofia é a de que o valor dos produtos regularmente comercializados em um mercado aberto depende do trabalho necessário para produzi-los; que o capital consiste em máquinas, materiais e salários pagos por trabalho; que, do produto acabado – quando os materiais foram pagos e o desgaste e as máquinas repostos e os salários pagos –, resta uma mais-valia. Essa mais-valia surge do trabalho e é a diferença entre o que é realmente pago aos trabalhadores, por meio de seus salários, e o valor de mercado das mercadorias que os trabalhadores produzem. Representa, portanto, a exploração do trabalhador, e essa exploração, inerente ao sistema capitalista de produção, é a causa da pobreza, das crises industriais e, finalmente, da revolução social.

Esta revolução social, quer a consideremos como uma revolta voluntária ou o funcionamento inevitável de uma ampla lei cósmica de evolução social, será a última manifestação da luta de classes, e virá por uma mudança inevitável induzida pela própria natureza das condições sob as quais a produção é atualmente realizada. Ela virá pela ação da grande maioria dos homens que compõem o proletariado assalariado e resultará na propriedade comum de todo o capital, no desaparecimento da exploração capitalista e na divisão dos produtos e serviços da indústria de acordo com as necessidades humanas, e não de acordo com a vontade dos donos do capital.

Nem é preciso dizer que cada passo desse raciocínio e cada evidência dos fatos que lhe dão apoio foram duramente atacados. A teoria do valor-trabalho foi negada, a teoria da mais-valia refutada e a inevitabilidade da revolução desprezada. As crises industriais – pelo menos até a atual – têm sido defendidas como exceções incomuns que comprovam a regra da eficiência da indústria moderna.

Mas, com o experimento russo e a depressão mundial, a maioria da humanidade pensante de hoje está começando a admitir que a recorrência contínua de crises industriais e guerras baseadas amplamente na concorrência econômica, com pobreza persistente, desemprego, doença e crime, estão forçando o mundo a contemplar as possibilidades de mudança fundamental em nossos métodos econômicos, e que isso significa uma mudança total, seja violenta, como na França ou na Rússia, ou pacífica, o que parece ser igualmente possível e fiel à fórmula marxista se for uma mudança profunda. De todo modo, a revolução parece prestes a vir.

Talvez, nada ilustre isso melhor do que as ações recentes nos Estados Unidos: nosso reexame de todo o conceito de propriedade; nossa moratória bancária; a extraordinária nova lei agrícola; os planos de combate ao desemprego e medidas semelhantes. O trabalho, e não a especulação, é o alicerce seguro do valor. E, não

importa como o chamemos – exploração, roubo ou perspicácia comercial –, há algo radicalmente errado em um sistema industrial que produz simultaneamente indigentes e milionários e que lega um mundo faminto, porque há comida demais.

Agora, o que tudo isso tem a ver com o problema do negro? Em primeiro lugar, é manifesto que a massa de negros nos Estados Unidos pertence claramente ao proletariado trabalhador. De cada mil negros trabalhadores, menos de 150 pertencem a qualquer classe que possa ser considerada burguesa. E, mesmo essa classe mais instruída e próspera, tem pouca conexão com exploradores de salário e trabalho. No entanto, esse proletariado negro não faz parte do proletariado branco. Em muitos casos, negros e brancos trabalham juntos e influenciam os níveis salariais uns dos outros. Eles possuem queixas semelhantes contra os capitalistas, exceto pelo fato de que as queixas do trabalhador negro são mais fundamentais e vulneráveis, variando, desde a época de Karl Marx, da escravidão até o trabalho mais mal pago, suado, massacrado e enganado em qualquer terra civilizada.

E, enquanto o trabalhador negro nos Estados Unidos sofre por causa das iniquidades fundamentais do conjunto do sistema capitalista, o grau mais baixo e fatal de sofrimento não vem dos capitalistas, mas de seus companheiros trabalhadores brancos. É o trabalhador branco que priva o negro de seu direito de votar, nega-lhe educação, nega-lhe filiação a sindicatos, expulsa-o de casas e bairros decentes e levanta sobre ele os insultos públicos de aberta discriminação de cor.

Não é resposta suficiente dizer que o capital encoraja essa opressão e a usa para seus próprios fins. Isso pode ter desculpado os camponeses russos ignorantes e supersticiosos no passado e alguns dos brancos pobres do Sul de hoje. Mas, o grosso do trabalhador branco americano não é ignorante nem fanático. Ele sabe exatamente o que está fazendo e o faz porque quer. William Green e Mathew [sic] Woll da AFL [American Federation of Labor] não têm a desculpa do analfabetismo ou da religião para ocultar sua intenção deliberada de manter negros e mexicanos e outros grupos do trabalhador comum como um subproletariado, tão subserviente aos seus interesses quanto são os deles aos interesses do capital.

Esse grande desenvolvimento de uma pequena burguesia no seio da classe trabalhadora americana é um fenômeno pós-marxista e resultado do desenvolvimento formidável e mundial do capitalismo no século XX. O mercado de produção capitalista ganhou uma efetiva organização mundial. A técnica industrial e a produção em massa trouxeram possibilidades na produção de bens e serviços que ultrapassam até mesmo esse amplo mercado. Uma nova classe de engenheiros, técnicos e gerentes surgiu, formando uma aristocracia da classe trabalhadora entre o antigo proletariado e os proprietários de capital ausentes. Os verdadeiros proprietários de capital são pequenos e grandes investidores – trabalhadores que têm poupança em bancos e pequenas participações em ações e títulos; famílias comprando casas e comprando mercadorias a prestação; assim como os grandes e ricos investidores.

Obviamente, o trabalhador individual obtém apenas uma parte extremamente pequena de sua renda com tais investimentos. Por outro lado, tais investimentos, no conjunto, aumentam amplamente o capital disponível aos exploradores e concedem aos trabalhadores-investidores a ideologia capitalista. Entre os trabalhadores e os donos de capital estão hoje os banqueiros e financistas que distribuem capital e dirigem os engenheiros.

Assim, os engenheiros e os prudentes trabalhadores mais bem pagos formam uma nova classe pequeno burguesa, cujos interesses estão ligados aos dos capitalistas e antagônicos aos do trabalhador comum. Por outro lado, o trabalhador comum na América e na Europa branca, longe de ser motivado por qualquer visão de revolta contra o capitalismo, foi ofuscado pela visão americana da possibilidade de os trabalhadores alcançarem, camada após camada, a classe rica e se tornarem gerentes e empregadores de trabalho.

Assim, nos Estados Unidos vemos um atropelo selvagem e implacável de grupos de trabalhadores, uns sobre os outros, a fim de ascender à riqueza nas costas do trabalhador negro e de imigrantes estrangeiros. Os irlandeses subiram nas costas dos negros. Os alemães passaram por cima dos negros e imitaram os irlandeses. Os escandinavos, ao lado dos alemães, italianos e “bohunks”<sup>2</sup> estão se aglomerando e continuam a deixar os negros no nível mais baixo, acorrentados ao desamparo. Primeiro, pela escravidão; depois, pela privação de direitos e, sempre, pela barreira de cor.

A segunda influência sobre os trabalhadores brancos nos Estados Unidos e na Europa foi o fato de que a extensão do mercado mundial promovido pela imperial expansão da indústria estabeleceu um novo proletariado mundial de trabalhadores de cor, labutando de modo intenso nas piores condições do capitalismo do século XIX, agrupados como escravos e servos e fornecendo, pelo menor salário da história moderna, uma massa de matéria-prima para a indústria. Com esse benefício, os capitalistas consolidaram poder econômico, anularam o sufrágio universal e subornaram o trabalhador branco com altos salários, visões de riqueza e oportunidade de dirigir “niggers”. Soldados e marinheiros advindos de trabalhadores brancos são usados para manter “os escuros” em seus “lugares”, e capatazes e engenheiros brancos foram estabelecidos como sátrapas irresponsáveis na China e na Índia, na África e nas Índias Ocidentais, apoiados pela propriedade organizada e centralizada de máquinas, matérias-primas, mercadorias acabadas e monopólio de terras em todo o mundo.

Como a filosofia de Karl Marx se aplica aos trabalhadores de cor hoje? Em primeiro lugar, o trabalhador de cor não compartilha uma base comum com o trabalhador branco. Um soviete de tecnocratas não faria mais do que explorar o trabalhador de cor como forma de elevar o *status* dos brancos. Nenhuma revolta de um proletariado branco poderia ser iniciada se seu objetivo fosse fazer dos trabalhadores

2 Expressão discriminatória dirigida a imigrantes húngaros e outros europeus do Centro-Leste. (N. T.)

negros seus iguais, em termos econômicos, políticos e sociais. É por essa razão que o socialismo americano se calou, por cinquenta anos, em relação ao problema dos negros, e os comunistas não podem nem mesmo ter uma audiência respeitosa nos Estados Unidos a menos que comecem expulsando os negros.

Por outro lado, dentro de grupos negros nos Estados Unidos, na África Ocidental, na América do Sul e nas Índias Ocidentais, estão se desenvolvendo grupos pequeno-burgueses. Na América do Sul e nas Índias Ocidentais, esses grupos drenam habilidade e inteligência para o grupo branco e deixam o trabalhador negro pobre, ignorante e sem liderança, salvo por um demagogo de ocasião.

Na África Ocidental, uma burguesia negra está se desenvolvendo com capital de investimento e emprego de nativos e só é impedida de desenvolver o capitalismo tradicional pela oposição e inimizade do capital branco, e pelos gerentes e engenheiros brancos que o representam localmente e que exibem amargos preconceito e tirania; e pelo trabalhador europeu branco que fornece armas, poder naval e tem a “preferência” do Império. O trabalhador e o capital negros africanos são, portanto, levados a buscar alianças e uma base comum.

Nos Estados Unidos, uma pequena burguesia também está se desenvolvendo, integrada por clérigos, professores, proprietários de fazendas, profissionais liberais e homens de negócios no varejo. A posição dessa classe, no entanto, é peculiar: eles não são os principais nem mesmo os grandes investidores no trabalho negro, portanto, o exploram apenas aqui e ali; carregam o peso do preconceito de cor, porque expressam nas palavras e no trabalho as aspirações de emancipação de todos os negros. A revolta de qualquer proletariado negro não poderia, portanto, ser logicamente dirigida contra esta classe, nem poderia esta classe juntar-se ao capital branco, aos engenheiros brancos ou aos trabalhadores brancos para fortalecer a barreira da cor.

Nessas circunstâncias, o que dizer da filosofia marxista e de sua relação com o negro americano? Podemos apenas dizer, como me parece, que a filosofia marxista é um diagnóstico verdadeiro da situação na Europa em meados do século XIX, apesar de algumas de suas dificuldades lógicas. Mas, ela deve ser modificada nos Estados Unidos da América e especialmente no que diz respeito ao grupo negro. O negro é explorado em um grau que significa pobreza, crime, delinquência e indigência. E essa exploração não vem de uma classe capitalista negra, mas dos capitalistas brancos e, igualmente, do proletariado branco. Sua única defesa é a organização interna que irá protegê-lo de ambas as partes e de uma visão econômica prática que impeça, dentro do grupo racial, um grande desenvolvimento da exploração capitalista.

Nesse meio tempo, vem a Grande Depressão. Ela nivela todos numa poderosa catástrofe. A fantástica estrutura industrial dos Estados Unidos está ameaçada de ruir. Os sindicatos de trabalhadores qualificados são ludibriados e estão indefesos. O trabalhador branco comum e não qualificado está muito assustado com a competição negra para tentar uma ação unida. Ele apenas implora por um auxílio

governamental. O programa reformista do socialismo não encontra resposta do proletariado branco, porque não oferece alternativa para a riqueza e nenhuma barreira efetiva contra o trabalhador negro, e o trabalhador negro na lama é essencial para o padrão de vida do trabalhador branco. O grito estridente de alguns comunistas nem sequer é ouvido, única e exclusivamente porque visa quebrar as barreiras entre o negro e o branco. Não há, no momento, a menor indicação de que a revolução marxista baseada em um proletariado unido com consciência de classe esteja em algum lugar no horizonte distante dos Estados Unidos. Em vez disso, o antagonismo racial e a rivalidade entre grupos de trabalho ainda não foi abalada pela catástrofe mundial. Apenas no coração dos trabalhadores negros, portanto, residem aqueles ideais de democracia na política e na indústria que podem, com o tempo, tornar os trabalhadores do mundo efetivos ditadores da civilização.